

#1

ESPECIAL PRESSÕES E ANGÚSTIAS DO MUNDO CORPORATIVO

O EXECUTIVO-UNIVERSITÁRIO: SOCIEDADE DE CONTROLE E FORMAÇÃO

EM TEMPOS DE INFORMAÇÃO INSTANTÂNEA SURGE UM NOVO MODELO DE EDUCAÇÃO, EM QUE O QUESTIONÁVEL CEDE LUGAR AO PRÁTICO. VOLTADA À TRANSMISSÃO RÁPIDA DE CONHECIMENTOS E À INSERÇÃO DO ALUNO NO MERCADO DE TRABALHO, NASCE A “UNIVERSIDADE OPERACIONAL”, QUE ADESTRA PESSOAS, MAS NÃO ESTIMULA REFLEXÃO CRÍTICA

 ISLEIDE ARRUDA FONTENELLE, professora da FGV-EAESP, isleide.fontenelle@fgv.br

O termo “sociedade de controle” foi cunhado em 1990 pelo filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1995). Segundo Deleuze, a sociedade de controle surge como decorrência de uma mudança tecnológica (a Terceira Revolução Industrial), e marca a passagem do confinamento, que era a

lógica da fábrica, para o controle contínuo e a comunicação instantânea, que compõem a nova lógica da empresa. Na sociedade de controle, o modo de operação do capitalismo não é mais dirigido à produção, mas à venda. Finalmente, a sociedade de controle estaria a requerer um novo ordenamento das paixões: justamente por

não ser mais disciplinar (não confina, não vigia e nem castiga), ela exige o autocontrole, a autogestão e a autorresponsabilização.

É possível reconhecer o modo de operação da sociedade de controle em muitos aspectos da sociedade contemporânea, assim como são muitos os ângulos a partir dos quais é possível fazer críticas a esse modelo: a alienação do consumo que ele promove, cujo ponto de chegada, hoje, é o processo de endividamento como mercadoria; as novas patologias sociais ou doenças da alma, cujo modelo por excelência é a depressão; as novas formas de controle da vida cotidiana (com o crescimento da vigilância virtual em nome da segurança); as formas de manipulação da vida humana, com as técnicas de engenharia genética; entre vários outros. Há, enfim, muitas indagações possíveis, relacionadas a questões éticas ou a impactos negativos desse modelo de sociedade.

UNIVERSIDADE

Um desses impactos, que quero enfocar aqui, diz respeito ao ensino superior. Nesse particular, a sociedade de controle é, antes de tudo, um modelo que promove o fim da formação, no sentido dado ao termo pela

É possível reconhecer uma 'sociedade de controle' em muitos aspectos da sociedade atual

filósofa brasileira Marilena Chauí em um artigo escrito em 2003.

Formação, segundo explica a filósofa, tem a ver com tempo: consiste em introduzir alguém no passado da sua cultura, despertar questões sobre o que esse passado delega ao presente, e interrogar o futuro. Nesse sentido, a formação é uma “obra de pensamento” que requer, sempre, reflexão e crítica. Isso posto, Chauí aponta para o nascimento da “universidade operacional”: orientada pelo mercado, e cujo ensino é voltado à rápida transmissão de conhecimentos, tendo em vista a inserção do aluno no mercado de trabalho. Aqui, a formação seria substituída, segundo a filósofa, por “transmissão e adestramento”.

Parece uma contradição em termos dizer que a chamada “era do conhecimento” é a que promove, justamente, o fim da formação e do pensamento. Então, vejamos como

isso ocorre a partir de duas lógicas conjuntas que operam no interior do mundo acadêmico, no modelo da universidade operacional.

FORMAÇÃO PERMANENTE

A primeira dessas lógicas é a da “formação permanente”, isto é, contínua, ininterrupta, que nunca se finaliza. Pode-se objetar que essa seria a ideia mesma do conhecimento, de que ele nunca acaba, de que é um processo contínuo em que nunca se sabe tudo e sempre se está aprendendo. A diferença está em que o conhecimento assim pensado era cumulativo, ao passo que, hoje, por trás da ideia está a necessidade de um eterno recomeço. O conhecimento fornecido pela universidade operacional se torna obsoleto rapidamente, exigindo voltar sempre à estaca zero.

Quando Gilles Deleuze começou a falar sobre a sociedade de controle, ainda na década de 1990, ele advertiu:



ESPECIAL PRESSÕES E ANGÚSTIAS DO MUNDO CORPORATIVO

O EXECUTIVO-UNIVERSITÁRIO: SOCIEDADE DE CONTROLE E FORMAÇÃO

Na era do conhecimento,
a universidade promove a
transmissão rápida de
conhecimentos, em detrimento
da verdadeira formação

“Pode-se prever que a educação será cada vez menos um meio fechado, distinto do meio profissional – outro meio fechado –, mas que os dois desaparecerão em favor de uma terrível formação permanente, de um controle contínuo se exercendo sobre o operário-aluno ou o executivo-universitário”. Nas empresas essa lógica se encaixa a outra, que é a da ideia da ação permanente: a sociedade atual é aquela que está sempre em movimento, mesmo que não seja para chegar a lugar algum.

MERCANTILIZAÇÃO

A segunda lógica é a da promoção da ideia como mercadoria. Desde que se disse que estamos na era do conhecimento, as ideias se tornaram a matéria-prima do novo capitalismo. Isso, de um lado, é produto do novo modelo de capitalismo – a sociedade de controle é focada na venda de serviços, experiências,

ideias – mas também na maneira como esse novo tipo de sociedade aprendeu a absorver toda forma de crítica a seu favor. O livro *O novo espírito do capitalismo*, dos franceses Ève Chiapello e Luc Boltanski, é muito interessante para aqueles que querem entender como isso aconteceu, como a crítica foi absorvida a favor do próprio capitalismo.

Em conjunto, essas duas lógicas afetam profundamente o mundo acadêmico, na medida em que um modelo de sociedade assim não estimula o aluno a buscar a interrogação, a reflexão e a crítica. Como dissemos no início, esse modelo requer um novo ordenamento das paixões que não passa mais pelo trabalho árduo do pensamento, mas pelo desejo de pular etapas, de chegar rapidamente ao destino, sem percorrer o caminho. Como diz o sociólogo Zygmunt Bauman, em um livro cujo sugestivo título é

Capitalismo parasitário, “na lista das capacidades fundamentais que os jovens são chamados a dominar (e desejam fazê-lo impacientes), surfar supera amplamente os conceitos cada vez mais obsoletos de ‘indagar’ e ‘aprofundar’”.

RISCOS

Aonde levará esse mundo do não pensamento e da mudança permanente? Se olharmos de uma perspectiva social, o que vários estudos contemporâneos indicam é que esse é um modelo aprisionador, gerador de insegurança e de sofrimento (o que também é rentável – vide o mercado de remédios para ansiedade, depressão e pânico, dentre outros sintomas sociais da contemporaneidade). É o modelo do “só um ganha tudo” e mesmo assim do “amanhã esse só um também pode perder tudo”. Isso tudo leva a um mergulho na falta de sentido, a uma angústia diante desse destino do mundo.

Em seu livro *A era do acesso*, o escritor e economista Jeremy Rifkin adverte que a “crescente importância de ideias na esfera comercial revela um espectro perturbador. Quando o pensamento humano se torna uma *commodity* tão importante, o que acontece com as ideias que, embora

importantes, podem não ser atraentes comercialmente? Há espaço para visões, opiniões, noções e conceitos não comerciais, em uma civilização em que as pessoas dependem cada vez mais da esfera comercial para obter ideias que orientem a vida? Em uma sociedade em que todos os tipos de ideias estão encerrados na forma de propriedade intelectual controlada por megacorporações, qual será o provável efeito, em nossa consciência coletiva e no futuro, do discurso social?” Mesmo de uma perspectiva econômica, tal tendência pode levar ao embotamento da criatividade, invocada como razão mesma da sociedade do conhecimento.

ALTERNATIVAS?

Por isso tudo, eu acredito que existe um “lugar vazio da crítica”. Vazio no sentido, justamente, de evitar o pensamento instrumentalizado e que busque pensar o mundo em suas múltiplas dimensões, mesmo que contraditórias, um espaço que leve a pensar. Esse pensar livremente nos levará a questionar a lógica da “ação pela ação” tão presente no processo contemporâneo da formação de gestores. Na visão do filósofo esloveno Slavoj Žižek, atualmente nós faze-

mos coisas demais: professores fazem pesquisas e escrevem artigos sem sentido, alunos vão a aulas e congressos ouvir discursos sem sentido, vivemos um processo de mudanças sem sentido, e não refletimos para quem estamos mudando. Não por acaso, ao falar da sociedade de controle, Deleuze diz que os jovens hoje pedem para ser motivados, para ser formados, sem saber a que eles irão servir.

Quero concluir lembrando Bartleby, personagem da novela do norte-americano Herman Melville (1819-1891), *Bartleby, o escrivão: uma história de Wall Street*, publicada originalmente em 1853. A literatura sempre foi um recurso extraordinário para nos mostrar as formas de racionalidade contidas em certos modelos sociais, as subjetividades por elas forjadas e suas linhas de fuga. O texto de Melville

narra a história de um escrivão que rompe com uma ordem do mundo a que está submetido. É um trabalhador correto e incansável, mas em certos momentos reverte todo o ordenamento lógico das coisas, respondendo a solicitações de trabalho do chefe com sua famosa frase: “*I would prefer not to*” ou “prefiro não”.

Bartleby para mim é a figura da impertinência. O seu “*I would prefer not to*” é de uma impertinência extrema, enlouquecedora. Por isso proponho modificarmos a lógica contida no dito de Bartleby, escolhendo outro caminho que não seja o da paralisia, mas o de propor “fazer outra coisa”. Proponho um mergulho não na “ação pela ação sem sentido”, nem na “formação permanente sem formação”, mas no questionamento desse modelo que nos impede de pensar. ■

É preciso questionar esse modelo de educação superior, que nos impede de pensar